LIBERDADE: UMA DISPUTA ÉTNICA.

Rafael de Almeida Serra Dias[1]

RESUMO: As cidades são o principal palco dessas transformações, São Paulo como a maior cidade do país é também a cidade que recebe mais imigrantes. Há alguns anos, por iniciativa do poder público e da associação dos comerciantes do bairro, a Liberdade foi construída como sendo o bairro étnico dos japoneses. Imagem esta, sempre reafirmada em festas, cartões postais e tantas outras representações. Porém, por diversas questões, este bairro, começou a receber outros tipos de imigrantes principalmente chineses e coreanos. Desde 2006 passou a ser organizado no bairro da Liberdade, a comemoração do ano novo chinês, num momento de clara afirmação e de disputa étnica entre os dois grupos de imigrantes. Como a revista elabora a formação do bairro e a importância dos japoneses para a cidade de São Paulo é o tema desse artigo, que pretende analisar os conflitos envolvendo a memória da cidade, e de como se tenta legitimar o espaço deste bairro por meio de discursos que atribuem o espaço publico aos japoneses, relegando os outros a outro lugar. Acredita-se na vertente da historiografia moderna que tem destacado a imprensa como instrumento de manipulação de interesses, concebendo-a como agente da história que ela também registra e comenta.
Palavras chaves: cidade, imigrantes, memória e imprensa.

ABSTRACT: The cities are the main stadium of these transformations, São Paulo as the biggest city of the country is also the city that receives more immigrants. A few years ago, an initiative from the public power and from the traders' association from the neighborhood, Liberdade was constructed as being the ethnic neighborhood of Japanese people. This image was always reinforced in postal cards, parties and many other representations. However, for varied questions, this neighborhood has started receiving other ethnics, mainly Chinese and Korean immigrants. Since 2006 it has been organized in Liberdade neighborhood the celebration of the Chinese New Year, at a moment of clear affirmation and of an ethnic dispute between these two groups of immigrants. How the magazine develops the increase of the neighborhood and the importance of the Japanese people in São Paulo is the theme of this article, that intends to analyze the conflicts involving the memory of the city, and how the magazine tries to legitimize the space of Liberdade's neighborhood by with speeches which attribute that the public spaces belong to the Japanese people, relegating the others to another place. It is given credit the basis of the modern historiography that has detached the press as an instrument of interests' manipulation, conceiving it as agent of the history that itself also registers and comments.
Keywords: City, immigrant, memory and Press.

Introdução

"O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntaria ou involuntariamente – determina imagem de si próprias. No limite, não existe um

[1] Graduado em História pela UNESP. Mestrando em História Social pela PUC-SP. Doutorando em História pelo Instituto Universitário de Lisboa IUL. Contato: r_asd@hotmail.com

documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo." (Jacques Le Goff)[2]

O Brasil se constituiu desde o século XIX como um grande receptor de imigrantes, ações tanto públicas como privadas financiaram as passagens de estrangeiros em alguns casos até mesmo a fixação do imigrante no território brasileiro (Fausto 2000). Porém, desde a segunda metade do século XX o Brasil inverteu sua posição de receptor para emissor de imigrantes, sobretudo para os EUA, Japão e alguns países da Europa, em um contexto totalmente diferente do que no século XIX. (Patarra & Baeninger, 1996 p.79)

Essas migrações do século XIX tiveram muitas vezes como destino o Estado de São Paulo, absorvendo muitos desses imigrantes na lavoura e no campo. Mas a capital também, desde o começo dessa imigração, recebeu grupos mais diversos possíveis e nos dias atuais se intitula como a cidade mais cosmopolita do Brasil.[3]

Alguns bairros são considerados étnicos, como por exemplo, o Bexiga e a Mooca, devido seus restaurantes e cantinas são tidos como bairros italianos. Outro exemplo de locais da cidade destinado a etnias são, por exemplo, os bairros do Bom Retiro e Higienópolis por causa das sinagogas, associações, colégios e clubes são chamados de bairros judeus.[4]

Segundo Jeffrey Lesser, foram por meio de muitos debates travados desde a primeira geração de imigrantes até os dias de hoje, das mais variadas formas, por meio da imprensa, , mas também por livros e até mesmo pela criação de sociedades beneficentes como hospitais – Beneficência Portuguesa, Hospital sírio-libanês, Hospital nipo-brasileiro –, entre outros. As imagens destes imigrantes e da sua imigração foram sendo ressignificadas a cada momento pelos grupos mais diversos da sociedade brasileira.

Uma dessas vitórias dos imigrantes nas batalhas pelo seu lugar dentro da sociedade brasileira foi a criação de uma ligação direta entre o desenvolvimento e a presença do estrangeiro no país. Esta imagem é muito recorrente na cidade de São Paulo e chegou até

---

[2] LE GOFF, J. *História e memória* Campinas, Editora da Unicamp, 1992.

[3] PATARRA, N. L e BAENINGER, R. Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil. In: PATARRA, N. L. (coord) *Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo.* São Paulo FNUAP; 1995.

[4] COLLAÇO, J. H. L. *Sabores e memórias: cozinha italiana e construção identitária em São Paulo*. Doutorado em Antropologia Social. FFLCH. USP.2009. CORNER, D. M. R. *A gastronomia como fator identitário. Lembranças e silêncios do imigrantes espanhóis na cidade de São Paulo (1946-1965)* Mestre em História Social. PUC-SP 2005.

mesmo ao discurso oficial que prestigia esses grupos com monumentos e festas, como destaca Janine Collaço:

> “Fomentadas pelas festas e pela retórica oficial da cidade que tende a definir imigrantes italianos – bem como ‘árabes’, ‘japoneses’ – com classificações étnicas que não dizem muito em seus países, mas na cidade explicam muito. Na verdade, ao chegarem, todos esses novos habitantes não eram mais que excluídos; entretanto, conseguiram ser incorporados à narrativa oficial” (2009. p. 14).

Este alerta do autor é muito importante, porque, apesar da forte imagem de algo homogêneo enquanto grupo – italianos, alemães, japoneses ou árabes –, estes, ao chegarem ao país, muitas vezes não tinham o sentimento e nem mesmo a identificação com o Estado Nacional de origem. Países como Itália e Alemanha ainda estavam na construção do Estado Nacional; os imigrantes árabes, chamados aqui de turcos, ainda teriam muitas guerras de independência e intervenção estrangeira até chegarem na configuração atual de seus territórios.

A invenção da Liberdade como o lugar do Japão no Brasil.

O bairro da Liberdade, na região central da cidade é tido como sendo o bairro japonês de São Paulo, mesmo tendo uma história muito mais antiga do que a imigração japonesa para o Brasil, que só começou em 1908. O bairro existe desde antes da chegada da família real portuguesa ao Brasil, o primeiro cemitério da cidade foi lá construído em 1775, sendo também o local das execuções dos enforcados e o endereço da irmandade dos aflitos.[5]

Oportuna se faz a pergunta, então qual foi o maior fator responsável pela associação do bairro da Liberdade à imigração japonesa, já que as ligações históricas e espaciais não são tão evidentes? Ao contrário dos outros bairros citados, não existia qualquer clara referência aos nipônicos como templos ou restaurantes, a característica mais forte do bairro é a decoração, realizada por meio de uma ação pública apenas em 1973.

Esta decoração é feita com postes vermelhos com três lâmpadas encapadas com as chamadas lanternas Suzurantõ e tem na rua Galvão Bueno, logo após o viaduto que passa por cima da avenida Radial Leste-oeste um grande portal vermelho chamado Toriin. Desde então, várias ações foram feitas para criar a tradição daquele espaço público como pertencente à

---

5 ARANTES, O; MARICATO, E; VAINER, C; *A cidade do pensamento único*; Petrópolis: Vozes, 2000 BONDUKI, N; *Habitar São Paulo: Reflexões sobre a gestão urbana*; São Paulo: Editora Liberdade, 2000; CAMPOS N, MALTA C; *Os rumos da cidade: Urbanismo e modernização em São Paulo*; São Paulo: Senac, 2002. FELDMAN, S; *São Paulo: Planejamento e zoneamento - 1947-1972*; São Paulo: Edusp, 2005;

etnia japonesa. A Associação dos Lojistas da Liberdade passou a organizar aos domingos a Feira Oriental a partir de 1974 e atualmente existe um grande calendário com exposição de flores e até campeonatos de sumô.[6]

Estas apropriações, do espaço público, têm em minha opinião uma clara relação com o conceito que Hobsbawn desenvolve sobre tradição inventada:

> "Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam incultar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado."[7]

De acordo com a definição elaborada pelo autor e o contexto da criação do bairro como o lugar do imigrante japonês, fica evidente que houve uma invenção, para criar um passado histórico apropriado no lugar público, que atribuísse a estes imigrantes a legitimidade sobre aquele espaço, atribuindo à Liberdade só a este grupo. Ao promover as feiras, concursos ou quaisquer outras ocupações do bairro, edifica-se uma representação simbólica do lugar com aquele grupo, Com isso exclui-se qualquer outro grupo existente no local de uma identidade diferente a nipônica.

Uma característica importante dos eventos públicos realizados na praça da Liberdade, promovidos pela Associação dos Lojistas, é a sua gratuidade. Essa informação é relevante ao pensar o sentido comercial desses eventos, que não ganham nada com o ingresso para os campeonatos ou para as exposições de flores. O lucro está ao conseguir atrair a população para as ruas do bairro, que devido à decoração e a prestação de serviços relacionados aos "produtos" ou a "cultura" oriental, consegue-se o retorno que paga a realização dos eventos, principalmente numa cidade como São Paulo repleta de shoppings com garagem, ar condicionado, cinemas e tantos outros serviços, o comércio de rua necessita da circulação de consumidores pelas suas áreas.

A construção no espaço da cidade, de marcos ou monumentos, são formas de manipular a memória coletiva, que por meio da longa duração destas formas, quer remeter a um passado histórico apropriado citado anteriormente, podemos entender melhor esse processo por meio da seguinte articulação: "Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas

---

[6] Dados disponíveis em: www.culturajaponesa.com.br Acessada em novembro de 2009.

[7] HOBSBAWM, E. J. e RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

impressões se sucedem uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca."[8]

Porém ao contrário dessa memória oficial, o bairro não pertence só aos japoneses como tão pouco se pode acreditar que a Mooca e o Bexiga pertençam só aos italianos ou Higienópolis só aos judeus, a ocupação e a reocupação na cidade são constantes. As transformações nem sempre se sujeitam as imposições públicas ou privadas, existem grandes conflitos travados em vários locais da cidade.[9]

Contra quem o imigrante japonês disputa este espaço e quem é o inimigo a ser combatido. Pois bem, retomando algumas questões acima trabalhadas, tradições inventadas e transformações no espaço para a construção de memórias que legitimam grupos. Uma série de dinâmicas sociais têm realizado nas últimas décadas, vários movimentos de reivindicação de direitos e também de visibilidade, pelos mais diversos grupos excluídos da história tradicional, que enxergavam só: o sujeito homem, europeu e com todo o conhecimento científico. Por exemplo, o movimento do feminismo, foi só o primeiro a combater e ganhar algumas disputas relacionadas a isso, agora temos a emersão de novos sujeitos, travando esta batalha. Homossexuais, ambientalistas, negros, indígenas entre tantos outros. Os imigrantes no Brasil negociam também por direitos, visibilidade e legitimidade enquanto parte integrante da sociedade, esse processo se dá contra os estabelecidos e na negação de outros grupos que postulem a mesma coisa.

Como isso não se negligencia o debate atual, mas na verdade acresenta-se mais questões para analisar este problema, pois as identidades hoje são múltiplas, posicionais e contraditórias como define muito bem Stuart Hall, porém, como ele mesmo aborda, existe um "mal-estar" em relação essa nova dinâmica que não assegura a ninguém um conforto ou segurança, na questão identidade. A vida no mundo globalizado, onde as certezas ou confortos estão cada vez mais pulverizados, fez com que o sociólogo Zygmunt Bauman criasse o conceito de "modernidade líquida" para descrever o atual momento da história da humanidade:

> "Hoje, os padrões e configurações não são mais 'dados', e menos ainda 'autoevidentes'; eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus

[8] HALBWACHS, M. *A memória coletiva.* São Paulo: Centauro 2004.
[9] ARANTES, A. A. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço publico*. Campinas: UNICAMP São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

> comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir. Em vez de preceder a política-vida e emoldurar seu curso futuro, eles devem segui-la (derivar dela), para serem formados e reformados por suas flexões e torções. Os poderes que liquefazem passaram do 'sistema' para a 'sociedade', da 'política' para as 'políticas da vida' – ou desceram do nível 'macro' para o nível 'micro' do convívio social"[10].

Na América Latina este processo de esfacelamento identitário também está em desenvolvimento e tem particularidades que envolvem nossa posição no mundo. Sobre o assunto, ensina Nestor Canclini:

> "Nem o 'paradigma' da imitação, nem o da originalidade, nem a 'teoria' que atribui tudo à dependência, nem a que preguiçosamente nos quer explicar pelo 'real maravilhoso' ou pelo surrealismo latino-americano, conseguem dar conta de nossas culturas híbridas. Trata-se de ver como, dentro da crise da modernidade ocidental – da qual a América Latina é parte –, são as transformadas as relações entre tradição, modernismo cultural e modernização socioeconômica" (Canclini, 2008, p. 25).

O Brasil, por sua vez, também está inserido neste movimento mundial, mas carece de estudos sobre a modernidade desenvolvidos pela história. Porém obras de outras disciplinas das ciências sociais abordam fartamente o tema, que envolvem a globalização e as identidades em cheque. A luta pela identidade fixa no país ainda não acabou devido particularidades da nossa sociedade, convivemos com essas duas questões em conflito, entre singular e plural.

Este fenômeno identidades em cheque devido à modernidade no final do século XX, foi amplamente estudado nas universidades, com grandes disputas em torno dos nomes sobre qual modernidade estamos vivendo. Porém, fora da academia, para as pessoas comuns, essa mudança ainda não está consolidada ou absorvida, pelo contrário, cada vez mais a psicologia sinaliza na direção de que como citou Start Hall do que existe um "mal-estar" devido às incertezas da modernidade.

Na cidade de São Paulo, este processo também está em pleno desenvolvimento e a população imigrante tem um histórico de lutas relacionadas a não aceitação das representações designadas a elas. De acordo com LESSER: "A imigração *foi de fato* a construção da identidade nacional" [11]. Isso porque no Brasil a questão da imigração durante muito tempo envolveu questões bem mais profundas que só as demográficas. Relacionavam-se também a um projeto de 'branqueamento' do povo brasileiro. A imigração poderia influir no processo

---

[10] BAUMAN, Z, *Modernidade Líquida*, Jorge Zahar Editor, São Paulo, 2000, p.14

[11] LESSER, J. – *A negociação da identidade nacional. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil.* São Paulo: Editora UNESP, 2001. grifo do autor. p.28.

de mestiçagem já em curso, acentuando o perfil de uma população mais branca e por isso mais civilizada. [12]

Imigração chinesa, uma história cheia de preconceitos e estereótipos.

Os imigrantes chineses estão construindo novas imagens, em relação ao seu grupo enquanto participante da sociedade brasileira. E um local onde tal batalha está sendo travada é o bairro da Liberdade. Esta posição se sustenta quando se analisa uma festividade que acontece há quatro anos, a comemoração do Ano Novo Chinês, realizada na praça da Liberdade, no coração do bairro. A historiografia não aceita a idéia de que festas são ingênuas, pelo contrário, elas têm intenções e até mesmo discursos muito bem definidos. Como destaca Ferreira: "É na festa que se evidencia também a tradução simbólica da diferença e da desigualdade. Ela Expõe a diversidade das identidades coletivas, é espaço para confirmação de poder"[13]

Pensando dessa forma, temos um primeiro questionamento, por que só a partir de 2006 que a colônia sino vai produzir esta celebração, que de acordo com muitos autores é uma das festas com mais significados na China? Isto porque os chineses têm dois calendários: o ocidental gregoriano ou solar e o chinês ou lunar[14]. Segundo suas tradições cada ano é regido por um signo, que são representados por doze animais: tigre, coelho, dragão, serpente, cavalo, carneiro, macaco, galo, cachorro, porco, rato e boi. Desenhos desses animais são amplamente espalhados na festa. Podemos considerar que ela é um sucesso, pois na sua última edição levou duzentas mil pessoas à Praça da Liberdade e já foi incluída no calendário oficial da cidade elaborado pelo órgão de turismo da prefeitura.[15]

---

[12] GOMES, A.C., PANDOLFI, D.C., ALBERTI, V. (orgs.) *A República no Brasil.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2002, pp. 183-184. Outros autores que trabalham nesta mesma perspectiva são: SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças - cientistas, instituições e questão racial no Brasil.* São Paulo, Companhia das Letras, 1993. SKIDMORE, T. E. Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

[13] FERREIRA JUNIOR, S. P. *Festas "italianas" em São Paulo e a proteção do patrimônio imaterial : a identidade de grupo no contexto da diversidade.* Dissertação de Doutorado em História Social. São Paulo: PUC-SP, 2009. p.104.

[14] Desde modo existe uma diferença entre os dois calendários, que é resolvida com dois ciclos um de 12 anos (com duração de 354 ou 355 dias ou 12 meses lunares) e um de sete anos (com 383 ou 384 dias, ou 13 meses) Os chineses inserem meses adicionais em intervalos fixos para resolver a diferença entre o ano solar (365 dias e o ano lunar (354 dias). Dados disponíveis em www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/calendarios/calendario-chines.php Acessada em novembro de 2009.

[15] Dado disponível em: www.cidadedesaopaulo.com/sp/ em dezembro de 2009.

Esse sucesso da festa ressalta a importância da pergunta anterior, o porquê de só agora a colônia chinesa se mobilizar para disputar o lugar dela enquanto etnia na cidade de São Paulo. A imigração chinesa para o Brasil é bem mais velha que a imigração japonesa, ao contrário do que se pode imaginar devido às grandes propagandas e festas de comemoração pelo seu centenário em 2008.[16] No século XIX durante o segundo Império a imigração sino teria começado por meio dos: "Negreiros portugueses, e mais particularmente açorianos, haviam engatado um tráfico de chineses para o Brasil, valendo-se de contatos estabelecidos via Macau. Perto de 2 mil chineses foram assim desembarcados no Rio de Janeiro entre 1854 e 1856" (Alescastro, Renux, 1997 vol. 2 p.295).

Esta imigração foi marcada por preconceitos e grandes debates, pois no Brasil nos séculos XIX e XX, como já foi mencionado, a imigração não se restringia só a demografia ou a econômica, mas em questões raciais da elite brasileira que temia pelo futuro de um país não-europeu. Nesta esteira de pensamento em 1857 o Império proibiu a entrada de chineses no país. Este fato, aliás, foi extremamente importante por que de acordo com Lesser:

> Os debates sobre a mão de obra chinesa foram importantes, ao determinar as maneiras pelas quais a etnicidade viria a se entrecruzar com as questões de identidade nacional. Pela primeira vez, as elites passaram a expandir o panorama daquilo que o Brasil poderia vir a se tornar, levando em conta o impacto de imigrantes que não eram nem pretos nem brancos. A questão social não mais se ligava ao desaparecimento dos africanos, revigorando o debate quanto se o crescimento econômico valia o ônus de um Brasil não europeu. (2001 p. 69)

Após o fim do império, a necessidade de mão-de-obra não fez com que o governo brasileiro investisse nos chineses, pelo contrário, a imigração européia foi à política pública exercida pelo governo e só depois de muitas discussões e problemas relacionados aos imigrantes europeus que se aceitou a imigração japonesa, mas está foi também alvo de debates e preconceitos. As imigrações sino que chegaram ao país ocorreram, de forma esporádica e em pequenas quantidades.

Em dois momentos da história chinesa houve grandes volumes de chineses vindos para o Brasil em 1949 e 1966. O primeiro deles com a revolução comunista em 1949 que levou a criação da República Popular da China situada no continente e a República da China na ilha de Taiwan, esta última nunca reconhecida pelo Brasil como um país. E o outro momento quando aconteceu na China à chamada revolução cultural em 1966. Estes dois

[16] VERAS, D. B. *As Diásporas chinesas e o Brasil: a comunidade sino-brasileira em São Paulo.* Tese de Doutorado em Ciências Sociais pela PUC-SP 2008.

momentos da história chinesa levaram grandes quantidades de imigrantes a virem para o Brasil.[17]

As relações atuais entre os dois países são boas, existem grandes acordos comerciais entre eles e suas economias passam por um grande período de crescimento nos últimos dez anos, ao ponto da imprensa mundial propagar que existe um grupo de países que se tornarão as próximas grandes potências econômicas do mundo. Este grupo ganhou o nome de BRIC à abreviação dos países: Brasil, Rússia, Índia e China[18].

Na sociedade brasileira o quanto o sucesso econômico influência a maneira como se vê e se aceita aqueles fora dos padrões eleitos pela alta sociedade. Exemplos a favor da relação direta entre aceitação e prosperidade são significativos, como a expressão popular que o negro quanto mais rico fica, mais vai embranquecendo.[19] As representações de duas figuras de grande importância nacional na literatura, Machado de Assis e no esporte Pelé, favorecem muito esta teoria, que o dinheiro na sociedade permite a inclusão de novos personagens na galeria dos aceitos.

Como se deu a aceitação desses dois grupos os japoneses e os chineses na nossa sociedade. Bem no caso dos nipônicos, usando o exemplo da construção da Liberdade na década de 1970 como um bairro étnico japonês e considerando este momento como uma vitória na aceitação do seu lugar no país.

O Japão desde o fim da segunda guerra mundial recebeu muitos investimentos norte americanos e conseguiu recuperar sua economia rapidamente, comparado aos países europeus envolvidos também no grande conflito mundial ao ponto de na década de 1970 a economia nipônica ter alcançado o posto de segunda maior economia do mundo. Este surgimento do Japão como potência econômica mundial também teve efeitos no Brasil, que recebeu a instalação de grandes empresas multinacionais durante este período.

As negociações realizadas pela comunidade imigrante japonesa não foram feitas só na década de 1970, essas batalhas foram travadas há muito tempo, mas somente quando os

---

17 VERAS, D. B. A imigração chinesa em São Paulo: importante ponto de contato entre Brasil e China. IN: PAULINO, L. A. e PIRES, M. C. (org) *Nós e a China: o impacto da presença chinesa no Brasil e na América do Sul*. São Paulo: LCTE Editora, 2009.

18 PAULINO, L. A. e PIRES, M. C. (org) *Nós e a China: o impacto da presença chinesa no Brasil e na América do Sul*. São Paulo: LCTE Editora, 2009.

19 LESSER Op. Cit. Pg. 24. BASTIDE, R., FERNANDES, F. Brancos e negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959. ANDREWS, G. R. Negros e brancos em Sao Paulo : 1888-1988 Bauru, SP : EDUSC, 1998.

imigrantes conseguiram alcançar uma ascensão social e o Japão estava despontando como potência mundial foi que ações como a decoração do bairro da liberdade, com referências nipônicas, foram possíveis.

Com certeza os imigrantes japoneses foram um dos grupos mais hábeis na construção de um espaço na identidade nacional brasileira, um exemplo claro disso é a celebração do 18 de junho como aniversário da imigração nipônica. Ao criar este acontecimento e incluí-lo no calendário nacional eles conseguiram uma construção de memória extremamente poderosa, que podemos entender de acordo com Marilena Chauí como um "mito fundador" que transforma tudo ao redor desse acontecimento e possibilita sempre uma reorganização do tempo histórioco. Chama a atenção o fato de que nenhum outro grupo de imigrantes melhor aceitos na sociedade brasileira como italianos, espanhóis e alemães nunca tenham construído tal data.

Imigração e imprensa, a revista Made in Japan.

Imigração e imprensa têm, no entanto, relações muito mais profundas[20]. Jornais e revistas, além de informar e entreter seus leitores exercem importante papel na vida social, pois formam opiniões, denunciam e vigiam os poderes instituídos, a ponto de a imprensa ser considerada por alguns como um quarto poder. Essas funções ganham outros sentidos quando se considera que essa imprensa se destinava a uma parcela específica da população - os imigrantes, - que se encontravam em ambiente hostil e necessitavam de apoio e encorajamento.

A colônia japonesa estabelecida no Brasil soube utilizar os meios de comunicação para buscar o seu lugar na sociedade brasileira, batalha travada em várias arenas, seja na

[20] Para saber mais detalhes sobre o assunto DREHER, M.N., RAMBO, A.B. e TRAMONTINI, M.J.(orgs) *Imigração & Imprensa*. Porto Alegre: Est/São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004. SORAYA, M. *Memorial do Imigrante : a imigracao no estado de Sao Paulo* . Sao Paulo : Memorial do Imigrante : Imprensa Oficial, 2008. TAKEUCHI, M. Y. *O perigo amarelo em tempos de guerra (1939-1945)* Sao Paulo : Arquivo do Estado : Imprensa Oficial do Estado, 2002.

imprensa nacional de grande circulação, ou nos seus próprios jornais, que inicialmente circulavam em japonês e ao longo dos anos, também foram produzidos em português[21].

Um dos atuais veículos de informação que negocia e batalha pela imagem da comunidade japonesa no Brasil é a revista *Made in Japan*, uma publicação mensal, produzida desde 1997 pela editora *Japan Brazil Communication J.B.C.,* com circulação no Brasil e no Japão, inteiramente escrita em português e destinada ao público de descendentes de japoneses residentes no país e no arquipélago nipônico.[22]

Na primeira vez que escreveu na *M.i.J.*, seu fundador Mazakazu Shoji definiu-a como: "uma revista especializada em assuntos do Japão."[23] Precisar o campo de atuação de uma revista é sempre um assunto complexo,[24] ainda mais no caso dessa, que possui a singularidade de circular em dois países, dirigir-se a dois públicos distintos, com necessidades e expectativas nem sempre idênticas. Poderíamos facilmente classificá-la como uma revista de variedades, o que por si só não basta.

A segmentação das revistas nos mercados mundial e brasileiro vem acontecendo há muito tempo e mais rapidamente no último quarto do século passado, como afirma Maria Celeste Mira: "o mercado de revistas vive, nos anos 1990, uma aceleração desse processo. Uma verdadeira avalanche de publicações superlota as bancas. No mercado brasileiro estimava-se, em 1997, pelo menos 1.130 títulos diferentes" (2003, p. 213). Porém, no fim da década de 1990, o mercado brasileiro foi surpreendido com a revista *Raça Brasil,* que em 1996 se apresentou como uma revista voltada para o público de origem africana, e fez um enorme sucesso, que pode ser dimensionado nas palavras do seu primeiro editor Aroldo Macedo:

> "O primeiro número vendeu 300 mil exemplares, uma coisa absurda, um fenômeno que colocou o Brasil no mapa. Em seis anos que eu tinha morado nos EUA, nunca vi uma boa notícia do Brasil, a única boa notícia que teve foi essa, seis colunas no NY

---

21 *Nippak Shinbum*, firmou-se como líder de vendas e em 1929, foi o primeiro jornal da colônia a contar com matérias escritas em português, indicio de que na colônia já havia pessoas que desconheciam o japonês. Em 1937, a imprensa estrangeira no Brasil foi proibida e só após a Segunda Guerra Mundial sua circulação voltou a ser legal. LESSER *Op. cit;. YAMASHIRO, J .Op. cit;* MITA, C. *Bastos: uma comunidade ética japonesa no Brasil*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). São Paulo: FFLCH-USP, 1986

22 DIAS, R, A, S, (2011) *Negociações de Identidade. A revista Made in Japan: imprensa, globalização e cultura de comunicação. 1997-2007.* Tese de Mestrado em História Social. São Paulo: PUC-SP.

23 SHOJI, M. *Made in Japan* n. 60, set. 2002, p. 4.

24 MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista.* Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: EDUSP/FAPESP: Imprensa Oficial do Estado, 2001. NICOLINI, V. K. *Revista Raça Brasil*: *negros em movimento 1996-2004*. Tese de Mestrado em História Social, PUC-SP, 2007. OLIVEIRA, L. A. *Raça, comunicação e cultura: a temática racial na Revista Raça Brasil (1996-2006)*. Tese de Mestrado em História Social, PUC-SP, 2007.

> Times falando sobre a revista, no Washington Post, Atlanta, BBC de Londres, CNN. A gente passou uns dois meses, quase três meses, sem trabalhar direito, só dando entrevista para o Brasil inteiro, para todos os correspondentes do mundo inteiro, Portugal, Holanda, um clipping gigantesco" (BONFIGLI, 2002).

Em razão da proximidade entre os lançamentos das revistas, não se pode negar que existem semelhanças entre a *Raça Brasil (RB)* e a *Made in Japan*. A igualdade de tratamento da mídia em relação às etnias, diferentes da europeia branca, veio claramente unir as duas publicações, mas não só isso, a segmentação do mercado das revistas já era um fenômeno consolidado no resto do mundo, como confirmou Roberto Civita, em 1991:

> "Não há ainda revista para a mulher que trabalha, a mulher executiva. Eu li uma revista para executivos negros nos EUA, e você vai dizer: qual a diferença do executivo negro e do executivo branco? É que ele tem certos problemas que o executivo branco não tem... Uma das maiores revistas nos EUA em circulação é a revista para gente aposentada. Nós temos centenas de categorias, que precisamos é ter mercado – de leitores e de anunciantes".[25]

No depoimento do maior empresário do ramo de revistas do Brasil, percebemos que, para a circulação delas, é necessário ter leitores sim, mas também é muito importante ter anunciantes dispostos a financiar tal projeto editorial. Essa última questão nem sempre tem seu valor reconhecido nos estudos sobre a imprensa no país. Com isso, não negamos a importância do estudo dos conteúdos da revista, mas, para se fazer um estudo de qualidade, o conteúdo e forma devem ser igualmente valorizados e investigados, para se entender, totalmente, qualquer projeto editorial.

Não se quer afirmar que as revistas são só fruto dos anunciantes, mas, como ressaltou Civita, uma publicação necessita dos dois, só com eles é que se alcança êxito num projeto editorial. Levanto a hipótese que a grande contribuição da *R.B.* foi justamente a demonstração de que havia um público que estava à margem das publicações brasileiras, e que a procura desse público por uma revista que o retrata permitiu a propaganda de muitos produtos, até então sem espaço para atingir seu consumidor, de modo que um fortaleceu o outro e mostrou a possibilidade de publicações étnicas de um novo formato.

Entendo que qualquer bom trabalho de história da imprensa precisa analisar amplamente o jornal ou a revista sem separar a forma do conteúdo, pois são dois aspectos que não podem se separar, Outro aspecto a ser estudado são as transformações que ocorrem ao longo do tempo, entender e problematizar as razões dessas alterações como também das permanências, são meios que asseguram a qualidade do trabalho.

---

25 "Abril faz plano de voo para dobrar faturamento em cinco anos", *Meio &Mensagem*, 15 de julho de 1991.

Um dos slogans da publicação é: "*Made in Japan* resgatou o orgulho de ser nikkei"[26] o poder da frase expressa a relevância que a revista julga ter dentro do Brasil. O bairro da Liberdade, foi muitas vezes representado nas páginas da publicação[27] e principalmente com a criação da festa do ano novo chinês, podemos notar outra postura em relação ao Bairro, que permite pensar em estratégias contra a reivindicação do espaço pelo grupo dos chineses.

Nas páginas da revista existem duas seções que poderiam retratar a festa, uma se chama CLIK - algo parecido com uma coluna social onde celebridades e autoridades são fotografadas em eventos importantes – a outra seção é a ORIENTE-SE – onde são divulgados eventos dos mais variados, desde exposições de arte a campeonatos de *Cosplay* (eventos onde as pessoas disputam para ver quem se veste mais parecido com os personagens de desenhos japoneses). Apesar desses espaços serem o lugar ideal para tratar da festa do ano novo chinês, a revista não publicou nada sobre o evento em nenhum ano, nem nessas seções ou em nenhuma outra.

Na historiografia moderna, os esquecimentos são tão importantes quanto às lembranças.[28] A *Made in Japan* adotou, além da estratégia de não falar da festa, a de resignificar algumas coisas relacionadas ao evento, por exemplo, o horóscopo japonês que antes tinha aparecido só em duas ocasiões ao longo de nove anos da revista, foi retratado nos anos de 2007, 2008 e 20009 nos meses de janeiro exatamente quando a festa do ano novo chinês é celebrada nas ruas da Liberdade, com o mascote do horóscopo chinês.

Em fevereiro de 2009 uma das grandes matérias da revista foi o *Japão é aqui*. Fartamente ilustrada com fotos da Liberdade, a publicação afirma o lugar do japonês no Brasil, como sendo o do bairro. Sem mencionar em nenhum momento a presença dos outros imigrantes no local. Ao deixar de fora esses grupos, a publicação está construindo uma memória que legitima só os japoneses como representantes do local, sem em nenhum momento tratar do local como detentor de uma história na cidade de São Paulo bem mais antiga que as imigrações japonesa ou chinesa.

---

[26] *M.i.J.* número 72 setembro de 2003

[27] Por exemplo na edição setenta e seis foram quatorze páginas dedicadas só aos produtos e serviços existentes na liberdade de restaurantes a limpadores de língua. *M.i.J.* número 76 janeiro de 2004. pp 44-56. Alguns outros exemplares da Made in Japan que trataram da Liberdade foram: 4; 7; 10; 12; 14; 16; 19; 23; 27; 31; 36; 38; 40; 42; 47; 50; 51; 56; 61; 64; 69; 70; 71; 73; 75; 78; 80; 81; 84; 86; 89; 90; 93; 95; 96; 99.

[28] Consultar para maiores detalhes: BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. DECCA, E. S. *O silencio dos vencidos: 1930, memória, história e revolução.* São Paulo: Brasiliense, 1997. MACIEL, L. A. ALMEIDA, P. R. e KHOURY, Y. A,(orgs). Outras Histórias, memórias e linguagens. São Paulo: Olho D´Água, 2006.

Conclusão

O bairro da Liberdade tem semelhança inequívoca com algo que existe em cidades ao redor do mundo com grandes populações imigrantes chinesas, bairros chamados de Chinatown, as norte americanas de São Francisco e Nova Iorque são as mais famosas, principalmente devido à produção de memórias realizadas por filmes e seriados que usaram estes bairros como cenário. Com grande número de restaurantes e comércio de rua estes locais são grandes atrações turísticas em suas cidades.

Nas "Chinatowns" e em outros locais onde existe forte presença de imigrantes chineses o Ano Novo Chinês é celebrado. Dentro das crenças chinesas este é o feriado mais importante do calendário chinês e tem suas celebrações em público nos outros países há muito tempo. Nos Estados Unidos ele é praticado desde 1953[29].

A realização da festa na Liberdade seria uma tentativa de transformá-la na Chinatown brasileira, ou apenas uma tentativa de reafirmar a presença sino sem o embate entre a concepção da Liberdade só como um bairro japonês, ou existe uma tentativa de tornar o bairro em algo oriental que possibilitaria a convivência entre as duas etnias. Pelos discursos da organização da festa, não se percebe qualquer posicionamento em relação às hipóteses levantadas. Em algo parecido com o que a Revista Made in Japan fez, não se fala do outro, mas se defendem espaços e contribuições.

Este conflito pela memória do espaço urbano da cidade de São Paulo, nos revela como identidades estão em disputa no Brasil e de como ao contrário do divulgado nos grandes meios de imprensa nacional, o brasileiro não é tão hospitaleiro ou cordial com os grupos imigrantes. Outros locais de reivindicação de grupos no Brasil, que tem claros problemas de aceitação na sociedade em que estão inseridos, mas lutam por uma memória na cidade e na sociedade, são os emigrantes nordestinos com seus atuais Centros de Tradições Nordestinas em São Paulo e no Rio de Janeiro[30].

---

29 Dados disponíveis em: www.anonovochines.com.br Acessada em novembro de 2009.

30 ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia.* São Paulo: Cortez, 2007. E Alguns momentos desses conflitos podem ser vistos nas repercussões produzidas pela mídia como nestes sites: http://veja.abril.com.br/vejarj/070503/cidade.html,

O sucesso econômico influência na aceitação ou na rejeição de determinada etnia ou grupo? Outra questão que está posta neste sentido é: devido a todas as transformações econômicas que o Brasil está passando[31] ele volta a ser um lugar desejável? E como serão as disputas por aceitação desses novos grupos que estão chegando ao país? Como os bolivianos ou os coreanos que também vivem na Liberdade, vão negociar o seu lugar nas cidades e na identidade nacional brasileira? Estes são alguns dos grandes desafios para os estudiosos da sociedade brasileira contemporânea.

---

http://www.abcdmaior.com.br/noticia_exibir.php?noticia=19368 e também em http://www.estadao.com.br/arquivo/cidades/2001/not20010220p17267.htm

[31] Uma demonstração desse novo poder, foi à recente inclusão do país, ao seleto grupo de países credores do Fundo Monetário Internacional (F.M.I.) e segundo o Banco Mundial nos próximos dez anos a economia brasileira deve estar entre as cinco maiores do mundo. Dados disponíveis em: www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/09/090908_mategasss.shtmal em novembro de 2009.